

Mulheres das Américas: um Repasse pela Historiografia Latino-Americana Recente

*
Eni de Mesquita Samara

RESUMO

O artigo faz um repasse pela historiografia recente, referindo-se à condição feminina na América Latina. Ênfase especial é dada nesse conjunto à questão do poder e da mulher enquanto sujeito ativo da História. O período analisado corresponde aos séculos XVI a XIX.

ABSTRACT

Women in the Americas: a Survey of Recent Latin American Historiography

This article surveys recent works on the feminine condition in Latin America, with particular emphasis on the question of power and on the role of women as historical actors. The literature in question covers the 16th to 19th centuries.

"Na História e no presente, a questão do poder está no centro das relações entre homens e mulheres".

Michele Perrot

Ao se pensar a "História de Mulheres", um repasse pela literatura das últimas décadas, mostra que é quase impossível cobrir todas as vertentes e explorar a riqueza de possibilidades oferecidas para análise historiográfica.

Especialmente a partir dos anos 70, a produção cresceu e tomou vigor, pluralista no seu sentido mais amplo de abordagens e conteúdos. Para essa

* Professora do Departamento de História/USP.

verificação, basta recorrer às inúmeras bibliografias especializadas e números especiais de revistas que surgiram recentemente¹.

Nesse conjunto, a questão do poder e da mulher, enquanto sujeito ativo da História, mereceu em função da importância da problemática um tratamento especial. Partindo de um viés aparentemente único, são múltiplas as interpretações de conteúdo histórico, e nesse ensaio enveredar por esse recorte, percorrendo uma parcela dos trabalhos publicados nos últimos vinte anos e que se referem a América Latina.

PODER, PODERES E MITOS

A leitura de autores que estudaram as mulheres nas sociedades ocidentais e mais especificamente nas áreas de cultura ibérica, desvendam várias imagens de representação de poder ou de "poderes" do sexo feminino. Assim, aparecem como "o poder oculto", por trás do trono, forças da sombra no discurso misógino. Rainha da noite, opõe-se ao homem diurno, digno exemplo da ordem e da razão lúcida².

Nos séculos XVI, XVII e XVIII a convicção da inferioridade intelectual feminina, é nítida na literatura e na correspondência. Ao "sexo frágil", ao menos na aparência não havia como argumentar sobre a questão da igualdade de direitos.

Nos discursos dos "machistas" ibéricos são perigosas, tagarelas e comprovadamente incapazes. Em várias outras sociedades, os argumentos se repetem, em grau maior ou menor³.

É evidente que os pioneiros ibéricos transportaram para o ultramar essa marca antifeminista, assimilável de forma vigorosa na sua cultura em atitudes, comportamentos e valores.

¹ São inúmeras e seria impossível arrolá-las de uma só vez. Entre elas podemos citar: DAVIS, Natalie Zenon. *Society and the sexes in early Modern Europe, 15th to 18th centuries, a bibliography*. Berkeley: University of California, 1973; MULHER brasileira, bibliografia anotada 1 e 2. São Paulo: Brasiliense/ Fundação Carlos Chagas, 1981; BRESCIANNI, Maria Stela (org.). A mulher no espaço público. *Revista Brasileira de História* – nº 18. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1989.

² PERROT, Michele. *Os excluídos da História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 168.

³ Ver BOXER, C.R. *A Mulher na expansão ultramarina ibérica*. Lisboa: Livros Horizonte, 1977.

Num primeiro momento, para as historiadoras dedicadas ao estudo da condição feminina no passado, essa questão aparece como um desafio, ou mesmo um desejo de recuperar a mulher na sua identidade social e de mostrar a sua presença no processo de tomada de decisões. Vejam-se, por exemplo, os trabalhos de SUSAN ROGERS sobre o mito da dominação masculina e os "poderes" femininos e de MICHELE PERROT sobre a mulher popular rebelde, entre muitos outros⁴.

No caso da América Latina, ALIDA METCALF mostra que as pesquisas de historiadores, sociólogos e antropólogos apontam para duas visões dramaticamente distintas. Uma delas propôs que a criatura passiva, protegida e isolada, sugerida pelos estereótipos da mulher latina, não existia. Decidindo e gerenciando negócios, essa mulher, por vezes, tinha mais direitos que a anglo-saxônica do mesmo período⁵. Relatos de situações nas colônias ibéricas indicam que em alguns casos eram mais poderosas que os homens⁶.

A produção brasileira, enveredando por esse caminho, optou pela análise do casamento e da divisão de poderes e de incumbências entre os casais. O eixo da discussão reside na construção do estereótipo de submissão nas relações marido/ esposa. Atitudes e comportamentos desviantes, queixas e tensões que resultaram em divórcios e separações, mostram o lado "obscuro" das relações entre os sexos. A idéia é justamente a de recuperar uma mulher mais ativa e participante, apontando para as variações nos padrões de comportamento⁷.

Rever imagens e revelar outras é romper com os enraizamentos impostos pela historiografia ao longo do tempo. Assim, de forma crítica, foram se integrando cenas distantes, perdidas no seu tempo. A mulher branca de elite, ociosa, deitada na rede a gritar com os seus escravos coube recuar e ceder espaços a outras mulheres antes sem história. Viúvas que honravam a memória do marido, os bordados, os doces, a conversa com as negras, o

⁴ ROGERS, Susan. *Female forms of power and the myth of male dominance*. American Ethnologist. vol. 2, nº 4, nov. 1975; PERROT, Michele. op. cit.

⁵ Ver METCALF, Alida. "Mulheres e propriedade: filhas, esposas e viúvas em Santana de Parnaíba no século XVIII." *Revista da SBPH*. São Paulo, nº 5, 1989/90.

⁶ BOXER, C.R. op. cit.

⁷ SAMARA, Eni de Mesquita. *A família brasileira*. 3a. ed., São Paulo: Brasiliense, 1986 e *As mulheres, o poder e a família – São Paulo, século XIX*. São Paulo: Marco Zero/Secretaria Estadual da Cultura de São Paulo, 1989.

cafuné e as visitas dominicais à Igreja, vão se somando aos testemunhos sobre mulheres trabalhadoras, mediadoras e intermediárias nas atividades de comércio e de negócios.

Trabalhos como os de A.J.R. RUSSELL-WOOD foram pioneiros ao apontar para o tratamento estereotipado e a importância de se entender a condição feminina no contexto da sociedade colonial brasileira⁸. KUSNESOF, SILVA DIAS e SAMARA, por sua vez, algum tempo depois, vão deparar com um número significativo de mulheres como chefes de domicílio na São Paulo do final do XVIII e início do XIX. No meio urbano, moviam-se com rapidez, costureiras, lavadeiras, doceiras e quitandeiras que trabalhavam para o sustento de suas casas⁹.

A existência de evidências de que uma parcela de mulheres das camadas mais abastadas viviam entregando-se à indolência, gerou o contraponto a um outro quadro onde, comprovadamente, o sexo feminino tinha maior participação, à testa da família e dos negócios, contribuindo com recursos para a manutenção da casa, o que sem dúvida aumentava a esfera de influência feminina.

A coexistência dessas duas alternativas é sugerida pelos autores, relacionadas ao padrão duplo de moralidade e ao processo de socialização que preparava a menina para o desempenho dos encargos domésticos¹⁰. No cerne dessa questão está a discussão do papel dos sexos e dos espaços permitidos, a permear os estudos feministas recentes.

UNIVERSO FEMININO, O PÚBLICO E O PRIVADO

No resgate da memória feminina, as falas sobre o "silêncio dos arquivos", os "segredos dos sótãos", as "leituras das entrelinhas" dos documen-

⁸ RUSSELL-WOOD, A.J.R. "Women and society in Colonial Brazil". *Journal of Latin-American Studies*. nº 9, I.

⁹ Ver KUZNESOF, Elizabeth. "The role of the female-headed household in Brazilian Modernization: 1765-1836". *Journal of Social History*, 13 (1980): 586-613; DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo - século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984. SAMARA, Eni de Mesquita. *As mulheres, o poder e a família*. op. cit.

¹⁰ Sobre a educação feminina no período colonial ver SILVA, Maria Beatriz Nizza da. "Educação feminina e educação masculina no Brasil colonial". *Revista de História*. 109: 149-164, 1977.

tos, vão aos poucos compondo as análises sobre o universo feminino e sua inserção no público e no privado.

O mundo das mulheres e a vida doméstica, palco de luta e de articulação dos "micro-poderes", foi inúmeras vezes pesquisado.

SANDRA LAUDERDALE GRAHAM, ao penetrar no espaço doméstico do Rio de Janeiro entre 1860 e 1910, buscou o entendimento dos níveis de dominação e subordinação expressos nas relações entre criados e patrões¹¹.

Sem dúvida, no século XIX assim como nos anteriores, cada sexo tinha sua função, seu papel, suas tarefas, seus espaços e seus lugares. No discurso dos ofícios e na linguagem do trabalho a divisão de tarefas é também sexuada¹².

Segundo PERROT, a concepção de uma economia doméstica feminina se desenha nos tratados do final do XVIII e início do XIX. Os discursos dessa época dirigiam-se exclusivamente à dona-de-casa, encarregada do lar, enquanto as obras equivalentes dos séculos XVII e XVIII falavam do "dono-de-casa" como um verdadeiro chefe de empresa rural¹³.

No meio urbano, o exercício de papéis informais, improvisados servem para desmistificar o sistema patriarcal brasileiro e a rígida divisão de tarefas e incumbências, conforme se apreende do trabalho de MARIA ODILA LEITE DA SILVA DIAS¹⁴.

Por tradição e costume, nas uniões legítimas, a divisão de incumbências entre os sexos, pelo menos na aparência, colocava o poder de decisão formal nas mãos do homem como provedor da mulher e dos filhos. Para a mulher restava o bom desempenho do governo doméstico e a assistência moral à família, fortalecendo os seus laços. Ambos preenchiam papéis de igual importância, mas desiguais no teor da responsabilidade¹⁵.

A casa e a rua, a ruptura de esferas de atuação complementares e nitidamente separadas foram analisadas pelos historiadores dedicados ao estudo da condição feminina, sob o prisma da ausência do homem ou da sua presença intermitente.

¹¹ GRAHAM, Sandra Lauderdale. *House and street: the domestic world of servants and masters in XIX th century Rio de Janeiro*. Cambridge University Press, 1988.

¹² PERROT, Michele op. cit.

¹³ Idem, p. 178.

¹⁴ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. op. cit.

¹⁵ SAMARA, Eni de Mesquita. *A família brasileira*. op. cit.

Em São Paulo no século XIX intervinham no espaço urbano e no vai-vém constante das ruas, escravas ganhadeiras, pardas e brancas pobres dedicadas a pequenos negócios, agências e expedientes.

"Os próprios recenseamentos indicam que cerca de 35 a 40% das mulheres assumiam o papel de provedora do sustento de suas famílias; como chefes de fogo, declaravam viver do seu próprio trabalho"¹⁶.

"Mulheres sem história", elos de uma memória possível de ser reconstruída nos manuscritos e depoimentos do seu tempo, não raramente penetravam nos espaços masculinos.

Por outro lado, a história social das mulheres das classes dominantes está longe de ser uma história de clausura e de passividade, como se aprende do trabalho pioneiro de ANTONIO CÂNDIDO¹⁷. Muitas vezes, no entanto, comando e iniciativa foram considerados como atributos viris da personalidade feminina, o que significa que as mulheres raramente se apresentam como personagens históricas na sua individualidade¹⁸.

O conduzir das análises historiográficas, levam a planos distintos de apreensão e identificação do perfil social das mulheres.

De um lado, o discurso oficial e as normas prescritas no sistema de dominação e, de outro, o cotidiano das mediações dos papéis sociais continuamente improvisados. O belo e exemplar trabalho de MARIA ODILA LEITE DA SILVA DIAS busca essencialmente essa última reconstrução – "sempre relegado aos terreno das notícias obscuras, o quotidiano tem se revelado na História Social como área de improvisação de papéis informais, novos e de potencialidade de conflitos e confrontos, onde se multiplicam formas peculiares de resistência e luta"¹⁹.

Ainda no plano dos estereótipos, dos mitos e das imagens literárias, a contradição nos papéis existe, mas é explicável em função do padrão duplo de moralidade que regulava as relações dos sexos e dos grupos sociais²⁰.

No bojo da discussão sobre a alternância de papéis está a questão da identidade social das mulheres e do processo de socialização.

¹⁶ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. op. cit., p. 32.

¹⁷ SOUZA, Antônio Cândido de Mello e. *The Brazilian family*. New York: Marchand General, 1951.

¹⁸ Idem.

¹⁹ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. op. cit., p. 8.

²⁰ Ver SAFFIOTTI, Heleith. *A Mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Petrópolis: Vozes, 1976; e também *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

PERROT também se interroga sobre as atitudes das próprias mulheres quanto a sua inserção no plano político, enfatizando que são responsáveis em parte pelo processo de socialização e transmissão da cultura, consistindo em valorizar mais o social e o informal, interiorizando as normas tradicionais.

A construção dos grandes arquétipos e a mulher como transmissora da cultura estão muito presentes na literatura feminista das últimas décadas.

Nessa trilha estão trabalhos como os de EVELYN STEVENS que focaliza um aspecto crucial da condição feminina na América-Latina, ou seja, de que o mariantismo, culto da superioridade espiritual das mulheres, na realidade as transforma em beneficiárias conscientes desse mito. Conclui STEVENS também que o mariantismo é parte de um arranjo recíproco e portanto, a outra metade do machismo²¹.

A participação política da mulher, o acesso à cidadania e a questão dos direitos aparecem com frequência nas coletâneas dedicadas à América Latina.

Organizadas sob múltiplas perspectivas e de caráter indisciplinar, essas coletâneas, publicadas especialmente nos anos 70, mostraram um primeiro perfil de conjunto da condição feminina na América Latina.

Reunindo trabalhos sobre diferentes países, avançaram no debate sobre as questões políticas e o papel das mulheres na família e na sociedade, apresentando também os primeiros balanços bibliográficos, principais tendências, temas e problemas de pesquisa.

A edição organizada por ASUNCIÓN LAVRIN é um típico exemplo dessas preocupações²². No entanto, o pequeno número de análises sobre o Brasil, mostra que existe ainda uma lacuna a ser preenchida. Os ensaios específicos, salvo algumas exceções, versaram sobre temas já apresentados em outros artigos.

Especialmente interessante nesse conjunto é estudo de JUNE HAHNER sobre *A imprensa feminina no Brasil e os direitos das mulheres no século XIX*, onde mostra que durante a segunda metade do século XIX algumas mulheres brasileiras avançaram em argumentos muito similares aos das feministas americanas. O trabalho se baseia em depoimentos encontrados

²¹ STEVENS, Evelyn. "Marianismo: the other face of machismo in Latin America". In: PESCATELLO, Ann (ed.). *Female and male in Latin America*. University of Pittsburgh Press, 1973.

²² LAVRIN, Asunción (ed.). *Latin American Women*. Westport: Greenwood Press, 1978.

nos jornais editados por mulheres e que apareceram em cidades do centro-sul do Brasil. Iniciando suas reclamações por educação e respeito pela mulher, algumas chegaram a clamar pela mudança do status legal e pelo direito de voto. HAHNER argumenta que esses jornais revelaram mudanças na posição ocupada e nas aspirações da mulher brasileira, além de um crescente grau de consciência ²³.

Outra coletânea, *Female and male in Latin America*, publicada nos anos 70, tem por objetivo fundamental o exame dos papéis e atitudes em relação à mulher na América Latina e o conflito entre a imagem e a realidade. Envolve também o estudo do processo de modernização e os conflitos com o tradicionalismo ²⁴.

Editado por Ann Pescatello, caracteriza-se por uma problematização mais profunda da questão feminina e do machismo, com uma conotação política mais presente.

Em imagens e realidades da vida da mulher são construídos os arquétipos literários a partir dos romances e das revistas. JANE S. JAQUETTE, CORNÉLIA BUTLER FLORA e a própria organizadora se alternam na prática e no uso da literatura como fonte histórica. Nesse conjunto, o ensaio de PESCATELLO sobre "The brazileira: images and realities in writings of Machado de Assis e Jorge Amado" focaliza questões teóricas de importância fundamental. O pressuposto é que toda literatura fornece símbolos, estereótipos, arquétipos e os papéis que são extremamente úteis para testar as situações reais. Assim, através da análise dos romances de Machado e de Jorge Amado procura determinar e definir as imagens e realidades das brasileiras e as mudanças e continuidades que ocorreram na sua História nos séculos XIX e XX ²⁵.

Passado, presente, perspectivas históricas e futuras compõem um conjunto de nove outros trabalhos sobre machismo, participação política da mulher, liberação feminina, atuação profissional e trabalho doméstico. Historiadores, antropólogos, cientistas políticos, sociólogos e psicólogos, ao

²³ HAHNER, June. "The XIX th century feminist press and women's rights in Brazil". In: LAVRIN, Asunción (ed.). op. cit.

²⁴ PESCATELLO, Ann (ed.). *Female and male*. op. cit.

²⁵ JAQUETTE, Jane S. *Literary archetypes and female role alternatives: the woman and the novel in Latin America*; Comélia Butler Flora. *The passive female and social change: a cross-cultural comparation of women's magazine fiction*; e Ann Pescatello. "The brazileira: Images and Realities in writings of Machado de Assis e Jorge Amado"; In: PESCATELLO, Ann (ed.). op. cit.

analisar México, Argentina, Chile, Peru, Colômbia, Brasil e Cuba buscam descontar realidades mais próximas da vida das mulheres na América Latina e suas formas de participação ou exclusão dos processos em curso.

Ainda nessa linha, as biografias de mulheres notáveis, surgidas recentemente, indicam que essa temática não foi abandonada. Certamente, são uma forma de reunir experiências individuais de mulheres num cenário conjunto, tirando-as da esfera doméstica para posições de destaque na sociedade. Sob o prisma da inserção no espaço público, a abordagem biográfica é mais um recurso utilizado pelos pesquisadores. *TEN NOTABLE WOMEN OF LATIN AMERICA* de JAMES D. HENDERSON & LINDA RODDY HENDERSON é um exemplo de que essas questões ainda são investigadas. Mulheres fortes e participantes contrastam com imagens de fragilidade e de submissão típicas das narrativas literárias, das memórias e dos relatos de viajantes e cronistas²⁶.

Além das coletâneas de artigos e de biografias, às mulheres latinas dedicaram-se números especiais de revistas, onde a questão do poder, da mudança de status e do acesso à cidadania foram amplamente debatidos e contextualizados em função das diferenças regionais e temporais²⁷. Feminismo, reformas morais, direito de voto, mercado de trabalho e ações futuras de engajamento político são alguns dos temas tratados nessas edições. A recuperação do passado é parte das análises, na perspectiva do entendimento das rupturas e continuidades no complexo sistema de relações sociais, econômicas e políticas, que compõe o panorama latino-americano.

Pelo que se pode perceber, a recuperação da história da participação política das mulheres, seus espaços e seus papéis, é um exercício a que se dedicaram inúmeros pesquisadores. Saindo das "salas de visita", vassourilhando os arquivos e desvendando os "segredos dos sótãos", o objetivo foi sempre o de documentar, ou de comprovar que é possível fazer a história das mulheres sob múltiplas facetas. Por isso, os contornos são vários e é impossível analisá-los no seu conjunto completo.

Dante desse quadro, no entanto, ainda ficam lacunas, indagações e caminhos a percorrer, especialmente no que tange a rede de poder e as

²⁶ HENDERSON, James D. e Henderson, Linda Roddy. *Ten notable women of Latin America*. Chicago, 1978. A respeito dos relatos de viajantes ver Miriam Moreira Leite. "Mulheres e famílias". In: SAMARA, Eni de Mesquita (org.). *Família e grupos de convívio – Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, nº 17, 1989.

²⁷ Ver a respeito Journal of Interamerican Studies and World Affairs. vol. 17, novembro 1975:

estratégias desenvolvidas pelas mulheres na ordem paternalista da sociedade latino americana.

SUBORDINAÇÃO, REDE DE PODER E REVERSÃO DA ORDEM

Estudiosos interessados no assunto evocam a rede de laços de dependência através dos quais os pobres buscavam a proteção dos ricos e a elite mantinha a ordem social. A subordinação da mulher ao homem é vista nesse contexto. Segundo METCALF, o viés de uma possível análise dessa situação é a relação entre mulher e propriedade, levando-se em conta as diferenças entre o meio rural e o urbano.

A autora avança a discussão sob o prisma dos ciclos familiares, mostrando que as mulheres só tinham acesso à propriedade a longo prazo e que esse acesso era controlado. Isso significa que mulheres proprietárias não necessariamente tinham influência na família e na comunidade em geral, apesar dos direitos e garantias estabelecidas no Código Filipino e na Legislação Portuguesa²⁸.

A gerência do patrimônio pelas viúvas e o dote visto na perspectiva de um certo privilegiamento das filhas na transmissão dos legados familiares perdem força na argumentação da autora²⁹.

Enfim permanece a questão e o desejo das historiadoras de desvendar a articulação das mulheres com a rede de poder.

SAFIOTTI, ao apropriar-se da discussão em *O poder do macho* insere a mulher em um sistema mais amplo de dominação, ao analisar as diferentes formas de dominação e subordinação. Entende que a sociedade não está dividida entre homens dominadores de um lado e mulheres subordinadas de outro. Há homens que dominam outros homens, mulheres que dominam outras mulheres e mulheres que dominam homens. Para SAFIOTTI embora a sujeição feminina seja mais sensível e profunda que a masculina na sociedade brasileira, o patriarcado, definido como o sistema de relações sociais

²⁸ METCALF, Alida *Mulheres e propriedade...* op. cit.

²⁹ Sobre o dote ver NAZZARI, Muriel. "Dotes paulistas: composição e transformações (1600-1870)". *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, nº 17, 1989; LAVRIN, Asunción e Couturier, Edith. "Dowries and wills, a view of women's socio-economic role in Guadalajara e Puebla, 1640-1790". *HAHR*. 59 (2): 280-304, 1979 e SAMARA, Eni de Mesquita. "O dote na sociedade paulista: legislação e evidências". São Paulo. *Anais do Museu Paulista*. Tomo XXX, 1980-81.

que garante a subordinação da mulher ao homem, não constitui o único princípio estruturador da sociedade³⁰.

Na análise da condição feminina, ao nosso ver as imagens as vezes são contraditórias e os estereótipos irreais. Estes últimos seriam apenas mitos? Existiu realmente o ideal da passividade feminina?

Alguns trechos da obra clássica de GILBERTO FREYRE acentuam ainda mais o paradoxo. O autor sugere também que a preferência pela mulher submissa foi ditada pelo desejo do homem de eliminar a sua concorrência no jogo econômico e político³¹.

Segundo a literatura, o panorama é contraditório mas explicável em função do padrão de moralidade que regulava as relações dos sexos e dos grupos sociais. As mulheres de posses, em sua maioria, ficavam circunscritas às suas aspirações de casamento e filhos. Passavam dessa forma, da tutela do pai, para a do marido, e estavam menos expostas às relações ilícitas e, naturalmente mais aptas para desempenhar um papel tradicional e restrito. Aquelas das camadas mais pobres, mestiças, negras e mesmo brancas, viviam menos protegidas e sujeitas à exploração sexual. Suas relações se desenvolviam, portanto, dentro de um outro padrão de moralidade que, relacionado principalmente às dificuldades econômica e de raça, contrapunha-se ao ideal vigente, mas não chegava a transformar a maneira pela qual a cultura dominante encarava a questão da virgindade e nem a posição privilegiada do sexo oposto³².

Outras vertentes, sob a ótica dos papéis informais vêm a sua inserção no espaço público da maneira ostensiva, embora institucionalmente e mesmo socialmente pouco valorizada. Apesar dos preconceitos e da desclassificação social eram parte integrante do próprio sistema de dominação. O fato de não participarem da história política e administrativa não diminuiu a importância do papel desempenhado, a exemplo dos segmentos sociais marginalizados³³. Excluídas do "círculo do poder" souberam fazer a sua própria História.

³⁰ SAFFIOTI, Heleieth. *O poder do macho*. op. cit.

³¹ FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. 10 ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1977. 2 vols.

³² Ver Samara, Eni de Mesquita. op. cit.

³³ A esse respeito ver DIAS, Maria Odila Leite da Silva, op. cit. e PERROT, Michele. op. cit.

Vista sob essa perspectiva, uma história da exclusão, é, sem dúvida, palco de luta e de formas de articulação social. Na historiografia latino-americana recente, esse significado se traduz nas maneiras possíveis de se fazer a "História de Mulheres", que procuramos resgatar a partir da questão do poder.

BIBLIOGRAFIA

- BOXER, C.R. *A mulher na expansão ultramarina ibérica*. Lisboa: Livros Horizonte, 1977.
- BRESCIANNI, Maria Stela (org.). *A mulher no espaço público. Revista Brasileira de História* – no. 18. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1989.
- DAVIS, Natalie Zenon. *Society and the sexes in early Modern Europe, 15 th to 18 th centuries, a bibliography*. Berkeley: University of California, 1973.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo – século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. 10a. ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1977. 2 vols.
- GRAHAM, Sandra Lauderdale. *House and street: the domestic world of servants and masters in XIX th century Rio de Janeiro*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- HAHNER, June. "The XIX th century feminist press and women's rights in Brazil". In: LAVRIN, Asunción (ed.). *Latin American Women*. Westport: Greenwood Press, 1978.
- HENDERSON, James D. e Henderson, Linda Roddy. *Ten notable women of Latin America*. Chicago: Nelson-Hall, 1978.
- JAQUETTE, Jane S. *Literary archetypes and female role alternatives: the woman and the novel in Latin America*; In: PESCATELLO, Ann (ed.). *Female and male in Latin America*. University of Pittsburgh Press, 1973, pp. 3-28.
- JOURNAL of Interamerican Studies and World Affairs. vol. 17, novembro 1975.
- KUZNESOF, Elizabeth. "The role of the female-headed household in Brazilian Modernization: 1765-1836". *Journal of Social History*, 13: 586-613, 1980.
- LAVRIN, Asunción e Couturier, Edith. "Dowries and wills, a view of women's socio-economic role in Guadalajara e Puebla, 1640-1790". *HAHR*. 59 (2) : 280-304, 1979.
- LAVRIN, Asunción (ed.). *Latin American Women*. Westport: Greenwood Press, 1978.
- LEITE, Miriam Moreira. "Mulheres e famílias". In: SAMARA, Eni de Mesquita (org.). *Família e grupos de convívio – Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, no. 17, 1989.

- METCALF, Alida "Mulheres e propriedade: filhas, esposas e viúvas em Santana de Parnaíba no século XVIII." *Revista da SBPH*. São Paulo, no. 5, 1989/90.
- MULHER brasileira, bibliografia anotada 1 e 2. São Paulo: Brasiliense/Fundação Carlos Chagas, 1981.
- NAZZARI, Muriel. "Dotes paulistas: composição e transformações (1600-1870)". *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, no. 17, 1989.
- PESCASTELLO, Ann (ed.). *Female and Male in Latin America*, Pittsburgh: The University Press, 1973.
- PERROT, Michele. *Os excluídos da História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- ROGERS, Susan. *Female forms of power and the myth of male dominance*. American Ethnologist. vol. 2, no. 4, nov. 1975.
- RUSSELL-WOOD, A.J.R. "Women and society in Colonial Brazil". *Journal of Latin-American Studies*. no. 9, I.
- SAFFIOTI, Heleieth. *A Mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- SAFFIOTI, Heleieth. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.
- SAMARA, Eni de Mesquita. "O dote na sociedade paulista: legislação e evidências". São Paulo. *Anais do Museu Paulista*. Tomo XXX, 1980-81.
- SAMARA, Eni de Mesquita. *A família brasileira*. 3a. ed., São Paulo: Brasiliense. 1986.
- SAMARA, Eni de Mesquita. *As mulheres, o poder e a família – São Paulo, século XIX*. São Paulo: Marco Zero/ Secretaria Estadual da Cultura de São Paulo, 1989.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da. "Educação Feminina e educação masculina no Brasil colonial". *Revista de História*. 109: 149-164, 1977.
- SOUZA, Antônio Cândido de Mello e. *The Brazilian family*. New York: Marchand General, 1951.
- STEVENS, Evelyn. "Marianismo: the other face of machismo in Latin America". In: PESCASTELLO, Ann (ed.). *Female and male in Latin America*. Pittsburgh: The University Press, 1973, pp. 89-102.